

SINTOMA, UMA EXPRESSÃO DO CORPO PEDINDO SOCORRO *SYMPTOM, AN EXPRESSION OF BODY ASKING FOR HELP*

Kouzo Imamura*

Nos livros de literatura, sintoma é referido dentro do capítulo de quadro clínico de determinada enfermidade, sugerindo para os leitores, muitas vezes estudantes de medicina, como ele esteja sendo produzido pela referida doença. Assim, como exemplo, o quadro clínico da úlcera péptica é o sintoma de dor epigástrica, sugerindo que é a úlcera que está produzindo esta dor. Muitos pacientes, apesar de terem a úlcera péptica não têm dor epigástrica, e outros com estas dores, nem sempre apresentam a úlcera. Quando os pacientes usam antiácidos (neutralizantes de ácidos), bloqueadores histamínicos ou inibidores de bomba protônica (inibidores da secreção do ácido clorídrico), desaparecem sintomas de dor epigástrica. No entanto, essas medicações não são analgésicas e nem anestésicas para combater a dor. Então, por que desaparecem as dores? Portanto, é o ácido que estava provocando dores e não a úlcera?!

O que é o sintoma? Quem produz o sintoma, o agressor ou agredido? Sintoma é uma resposta reativa defensiva do agredido frente ao agressor. Se o agredido não reagir à agressão, não há sintoma. A reação é individual e, portanto, o sintoma é diferente na intensidade e na qualidade para cada indivíduo. Se há sintoma, significa que um órgão está no limite da sua potencialidade fisiológica para manter a homeostase. O médico, tentando ajudar o paciente, tem de ter esta consciência e, se possível, deve interpretar melhor o sintoma, que é uma comunicação do corpo físico para o consciente mental de que algo está acontecendo e que ameaça o bem estar físico do ser. Nosso corpo físico está sempre trabalhando para o nosso bem estar, mantendo a homeostase. Se o mecanismo natural de defesa de um órgão puder resolver as ameaças dentro do limite fisiológico, nós não temos sintoma.

No caso do exemplo acima, está havendo uma hipercloridria acima do normal e, no momento, não fisiológica, que é prejudicial para o estômago e, então, este último reage aumentando o mecanismo de defesa com elevação da tonicidade muscular e se preciso com contratilidade espasmódica, tentando conter o agressor no local ou mesmo expulsá-lo para fora, através do vômito ou para segmento posterior, pedindo socorro para a mente consciente através do sintoma. Aí então, se não houver socorro por parte da mente consciente, o corpo padece com lesões, no caso, a úlcera. Há situações em que o estômago não reage através do aumento da tensão ou contratilidade muscular gástrica (ausência de sintoma) e vem a ocorrer úlcera perfurada frente à hipercloridria não fisiológica. Então poderá acarretar, após o extravasamento do suco gástrico, reações peritoneais com aumento de tensões das vísceras vizinhas, causando o quadro conhecido de abdome agudo, limitando a difusão de suco gástrico para toda a cavidade peritoneal. Se o peritônio não reagir e permitir que o suco gástrico difunda, haverá reação com sequestração de líquidos para a cavidade abdominal tentando diluí-la, tirando o líquido do compartimento intravascular para extravascular, levando o indivíduo ao choque hipovolêmico e se não houver auxílio externo, à morte.

Ainda aproveitando o exemplo acima, podemos perguntar: de onde vem a hipercloridria acima do normal, a aparente agressora? Devemos nos lembrar de que, através do aparelho digestório, o produto exógeno entra no nosso corpo proporcionando energia suficiente para a existência deste

último. Nós comemos para vivermos carnalmente nesta vida existencial. Portanto, toda a função orgânica corporal está regida para o nosso existir carnal. Fisiologicamente, o ácido clorídrico tendo efeito corrosivo, e a boca uma entrada de substâncias exógenas para nos suprir energeticamente para a nossa existência carnal, ele tem função de destruir ou transformar tudo que de mal ingerimos. Bactérias, fungos, vírus, levedos e proteínas em geral alergênicos que, de forma inconsciente, nós ingerimos a todo o momento. Não ingerimos somente substâncias alimentares para a nossa existência. Nós também ingerimos situações agradáveis ou desagradáveis à nossa existência, simbolicamente, de nossa vida cotidiana. Comida representa a vida. Nós ganhamos energia para a vida através do prazer e o desprazer nos desgasta. Nós referimos as situações desagradáveis como sendo indigestas, amargas e pesadas, como na ingestão alimentar.

O corpo que está trabalhando ao nosso favor nesta existência carnal está sempre atento para nos defender. Porém, o corpo sozinho não pode dar conta de todas as situações anormais e, assim, pede ajuda da mente consciente através do sintoma. A mente consciente dos pacientes, limitado e dependente do seu conhecimento, não sabendo o que o corpo está solicitando, vem pedir socorro aos médicos, considerando-os sabedores do corpo através do conhecimento científico e cultural. Resta, então, ao médico interpretar a linguagem do corpo através do sintoma e ajudar os pacientes que os procuram. Para tal, o médico tem de, além do conhecimento técnico médico científico, compreender o ser no amplo mundo existencial (soma, psicológico, social e espiritual), principalmente individualizando as necessidades de cada paciente. Não é tarefa fácil, e talvez impossível de se realizar perfeitamente na sua amplitude, porém vale a pena tentar. A satisfação de sua realização compensa, mesmo que não seja perfeita. A frustração da concretização interior de ser médico, agindo como um simples técnico, obedecendo cegamente às informações científicas, muitas vezes influenciadas pelos fatores econômicos farmacológicos e tecnológicos, pode levar o médico à depressão em seu amplo aspecto, com reações comportamentais muitas vezes até agressivas, solicitando mais e mais exames e orientando mais e mais medicações, ou mesmo culpando os pacientes pelo insucesso terapêutico.

Apesar das evoluções científicas, não estamos trazendo melhoras dos sintomas e do sofrimento de pacientes. Parece que cada vez mais estão aumentando o número de doentes e em proporções diretas ao aumento do número de médicos. Poderíamos até indagarmos: se o número de doentes não aumentarem, como os médicos que se formam nas faculdades mais e mais poderiam sobreviver? Será que estamos, nós médicos, vivendo inconscientemente embasados no pensamento de que, se curarmos a doença, a nossa função médica desaparece e, portanto, devemos manter a doença?

A cada ano o número de pessoas cresce e assim crescem as doenças e o crescimento de número de médicos não será nada prejudicial à comunidade.

O ato médico é minimizar o sofrimento de pacientes e nem sempre curar. A cura só é possível com participação ativa do paciente e não somente do ato médico. Portanto, é importante que

o médico entenda o paciente, através do sintoma e com sua observação analítica ampla, auxiliando-os na capacitação de cura da sua enfermidade.